

Brasília,  
aos 33 anos,  
ganha sua  
Lei Orgânica



IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956/ 91  
ECT/ CÂMARA LEGISLATIVA DF  
UP: AC/ CÂMARA LEGISLATIVA

L • E • T • U • R • A • S

ESPECIAL



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

ANO, I, nº 05 Brasília, 21 de abril de 1993

# O sonho de Dulcina

Aos 33 anos, Brasília conta com uma escola de teatro que já formou várias safras de artistas e professores de artes cênicas

**José Cury Neto**

da Comunicação Social

JOÃO WESLEY



Maria de Fátima

A cultura não pode viver somente de sonhos, mas foi a partir de um sonho que Brasília, em seus 33 anos, começou a formar várias safras de artistas e professores de artes cênicas. Hoje eles brilham não só na cidade, mas em outros grandes centros do País, depois de terem passado pela Faculdade de Arte Dulcina de Moraes. Ela situa-se no Setor de Diversões Sul, um dos pontos mais efervescentes de Brasília, onde convivem harmonicamente prostitutas, intelectuais, travestis e gente que, de uma forma ou de outra, faz cultura.

O sonho de criar um centro formador de atores e professores de teatro foi colocado em prática em 1955, no Rio de Janeiro, quando Dulcina de Moraes, uma atriz de sucesso, conseguiu, com o apoio logístico do marido, Odilon Azevedo, lançar a Fundação Brasileira de Teatro (FBT). De quebra ela ganhou também do marido o Teatro Dulcina que, ainda no Rio, contribuiu para consagrar nomes famosos e formar, em nível técnico, profissionais do nosso teatro.

**Transferência** — Em 1960 Dulcina veio ao Planalto Central para acompanhar, a convite de Jango, a inauguração de Brasília. De cara ela se apaixonou pela poeira vermelha e pelo astral da cidade que nascia sob o signo da cultura. Ao perceber a emoção de Dulcina, Jango ofereceu-lhe um lote na nova capital para que ela pudesse transferir o seu teatro. A atriz aceitou o lote, mas sabia que a transferência da Fundação Brasileira de Teatro para Brasília levaria tempo, já que seu projeto estava no

auge do sucesso no Rio.

O atual presidente da FBT, B. de Paiva, amigo pessoal de Dulcina, lembra que no período de 1965 a 1970, depois de grandes oscilações na área cultural em função da ditadura militar, conseguiu, apesar dos pesares, reunir o maior corpo docente da área teatral brasileira. Ele incluía, dentre muitos outros nomes, Cecília Meireles, Ziembinsky, Juracy Camargo, Henriette Morineau, Adolfo Celi, Raimundo Magalhães Júnior e Lillian Nunes (irmã mais velha de Oscar Niemeyer).

Com o lançamento da Lei nº 5.692, que criou cursos na área de artes, Dulcina sentiu que se aproximava o momento de implantar em Brasília um curso de teatro em nível superior e, assim, finalmente, mudou-se para a cidade em 1976. Até 1980 ela procurou montar a estrutura da Faculdade que leva o seu nome e teve até que abrir mão de dois apartamentos e do Teatro Dulcina do Rio, que tiveram de ser vendidos.

Pelo menos ela teve a chance de escolher o lote prometido por Jango e optou pelo bochicho do Setor de Diversões Sul, onde foi levantado o prédio da Faculdade de Arte e onde está instalado o Teatro Dulcina, espaço aberto à comunidade.

O primeiro vestibular da Faculdade de Arte foi realizado em 1981, sendo que na época ela oferecia nove cursos. Em 1983 foi realizada a formatura da primeira turma da Faculdade Dulcina, que segundo sua atual diretora, Maria de Fátima de Deus, foi reconhecida em 1984. De lá para cá, entretanto, foram várias crises que culminaram em 1989 com a extinção de vários cursos de artes. Atualmente a Faculdade mantém quatro cursos regulares nas áreas de artes cênicas, artes plásticas e música, além do curso de pós-graduação em linguagens artísticas, lançado há um ano.

Fátima de Deus orgulha-se ao lembrar que a Faculdade Dulcina formou sozinha um contingente de profissionais em número bem superior ao de todas as demais faculdades de artes do País reunidas. São cerca de 2 mil 300 profissionais lançados no mercado, muitos deles já conhecidos do grande público brasileiro, como Marcelo Sabag, Valdez Ludvig, Mangueira Diniz e outros, sem contar com os grandes nomes que passaram pela Faculdade ainda no Rio: Marília Pêra, Irene Ravache, Ivan Setta, Ivan Mesquita, Fernando Pamplona e muitos outros.

Atualmente a Faculdade de Arte conta com 448 alunos.

Miquéias foi homenageado na Câmara pelo deputado Carlos Alberto, do PPS



## O mímico do DF

**Fernando Guedes**

Jornalista

Há exatos dez anos, um espetáculo intitulado Sonhos de um Retirante, encenado no hoje fechado Teatro Galpão marcava o início da carreira de um artista que só conheceria êxitos. No dia 11 de março de 1983, começou, aqui em Brasília a trajetória de sucessos do mímico Miquéias Paz. Os dez anos de carreira desse artista paranaense radicado em Brasília desde os cinco anos de idade foram comemorados com uma série de espetáculos.

Na Câmara Legislativa, Miquéias foi homenageado com um discurso, em plenário, do deputado Carlos Alberto, do PPS. Carlos Alberto lembrou a trajetória de Miquéias, que já alcançou os palcos internacionais e contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da cultura no Distrito Federal.

"Miquéias é a demonstração viva da garra e do talento do artista brasileiro. As apresentações dele, sempre voltadas para o dia-a-dia dos

brasileiros, além de divertir, servem para divulgar e discutir a vida do cidadão comum, que sofre nos ônibus lotados, nas filas da Previdência, na busca do emprego", lembra o deputado Carlos Alberto.

O responsável pela aproximação de Miquéias com a mimica foi um boneco que ele mesmo criou para um espetáculo de rua do grupo de teatro Retalhos, apresentado em Paracatu. Miquéias conta que "a garatada curtiu o boneco durante mais de quatro horas". A partir daí, incentivado, também por alguns amigos, Miquéias, passou a se interessar mais e mais pela mimica.

Sempre protagonizando espetáculos onde sobressai uma preocupação com o cotidiano e as relações sócio-existenciais, Miquéias divide a carreira em três fases. Na primeira fase, houve a busca do gesto limpo, foi a fase tradicional. Na segunda fase, ele passou a experimentar a sonoridade dos movimentos. A fase atual, a terceira, é a síntese das duas primeiras.

## FICÇÃO

### Na terra de Itamar

**Aylê-Salassiê**

Jornalista

Na Igreja — cheia aos domingos — ele puxava no peito os hinos cantados por mais de mil fiéis, imprimindo neles um andamento próprio, para o desespero dos organistas que os acompanhavam atentos, apegados às partituras.

Quando falava no pátio do Colégio, a sua voz, impostada, ressoava entre os prédios. Era fácil localizá-la, e também fugir dele, principalmente os fumantes — prática proibida — que mudavam rapidamente de esconderijo à sua aproximação.

A autoridade naquela época era mantida no grito... ou no braço. Os princípios morais eram rígidos e o seu cumprimento se fazia com austeridade. O regulamento era executado com excesso de liturgia. As sanções variavam do castigo na sala de estudos, com a consequente perda do recreio, até a expulsão do Colégio.

A domesticação interna tinha a irracionalidade do ex-diretor, Adelino Sattler, de descendência alemã, que, ainda distante das novas teorias pedagógicas, aplicava nos outros o que aprendera em casa. O professor Adelino era um tipo alto, forte, avermelhado e de pouca conversa; daqueles que ficam roxos de raiva. Nesse arcabouço escondia-se, entretanto, um coração magnânimo e uma fé cristã inabalável.

Já o novo diretor não impressionava pelo vigor físico. Era magro, altura média, e descendente de colonizadores franceses: os Boechat. Destacava-se, entretanto, pelo romântico, o jaleco branco impecavelmente passado, e os óculos pretos de aros grossos, escondendo a miopia.

Internamente, todos o respeitavam, mas ele, no auge dos seus 35/40 anos não resistia ao fogo incandescente daquela juventude sa-

dia e bonita. Fazia-se passar por um diretor autoritário e arrogante, mas, no fundo, parecia desejar estar todos os dias na calçada da rua para assistir, nos intervalos das aulas, ao delicioso "footing" matinal das internas... e externas.

Era um homem sentimental, moderno, de tendência populista — fez boca de urna para o Jânio Quadros —, preocupado com transformações, e, limitado pelos escassos orçamentos, refletia suas expectativas desenvolvimentistas em pequenas obras de arremate nos pátios, nos prédios ou nas salas de aula.

Essas características o distinguiam do antecessor, que com o seu rude estilo disciplinar instalara ali um clima de desconfiança rotineira entre auxiliares e alunos e vice-versa. O ex-diretor prestigiava, sobretudo, o esporte, a disputa e a competição: era, ao mesmo tempo, diretor

do Colégio e treinador de todos os times e categorias esportivas. Não abria a guarda sequer para os professores de educação física, ou para os atletas mais antigos da cidade, formados pelo Colégio.

Edvard Boechat também gostava do "corpore sano", mas fez questão de delegar competência e até um pouco da autoridade de diretor, tornando sua administração no Colégio ligeiramente dividida com o substituto e o grupo de regentes que auxiliava na disciplina.

Ex-professor de Música do Colégio, era também o maestro do Orfeão. Junto com a diretora do Internato Feminino, dedicava bom tempo a estimular valores artísticos. Devolve também, em parte, a minha não expulsão do Colégio. Ele gostava da minha voz de barítono, mal estudada, mas com um timbre lírico precocemente definido.

Era pai de quatro lindas filhas, e uma esposa discreta e meiga. No âmbito doméstico, enfrentava ainda o problema de uma das meninas, portadora de leucemia, cuja recuperação obrigava a seguidas transfusões de sangue no Rio de Janeiro.

Disfarçou o quanto pôde esse seu espírito romântico, libertário e irrequeto, de tal forma que foi uma surpresa para todos, quando chegou a notícia do seu bronco assassinato, em plena luz do dia, no meio da rua em Manhimirim. Só aí foi descoberto que ele mantinha um caso amoroso antigo com uma das mais bonitas professoras do Colégio.

O fato não aconteceu no Colégio Granbery, em Juiz de Fora, mas em algum lugar na Zona da Mata de Minas Gerais — também Terra de Itamar Franco. Ali a educação é rígida e as pessoas só têm uma opção: serem sérias. Intenções ou atitudes duvidosas são punidas inapelavelmente com austeridade.